

O PANORAMA.

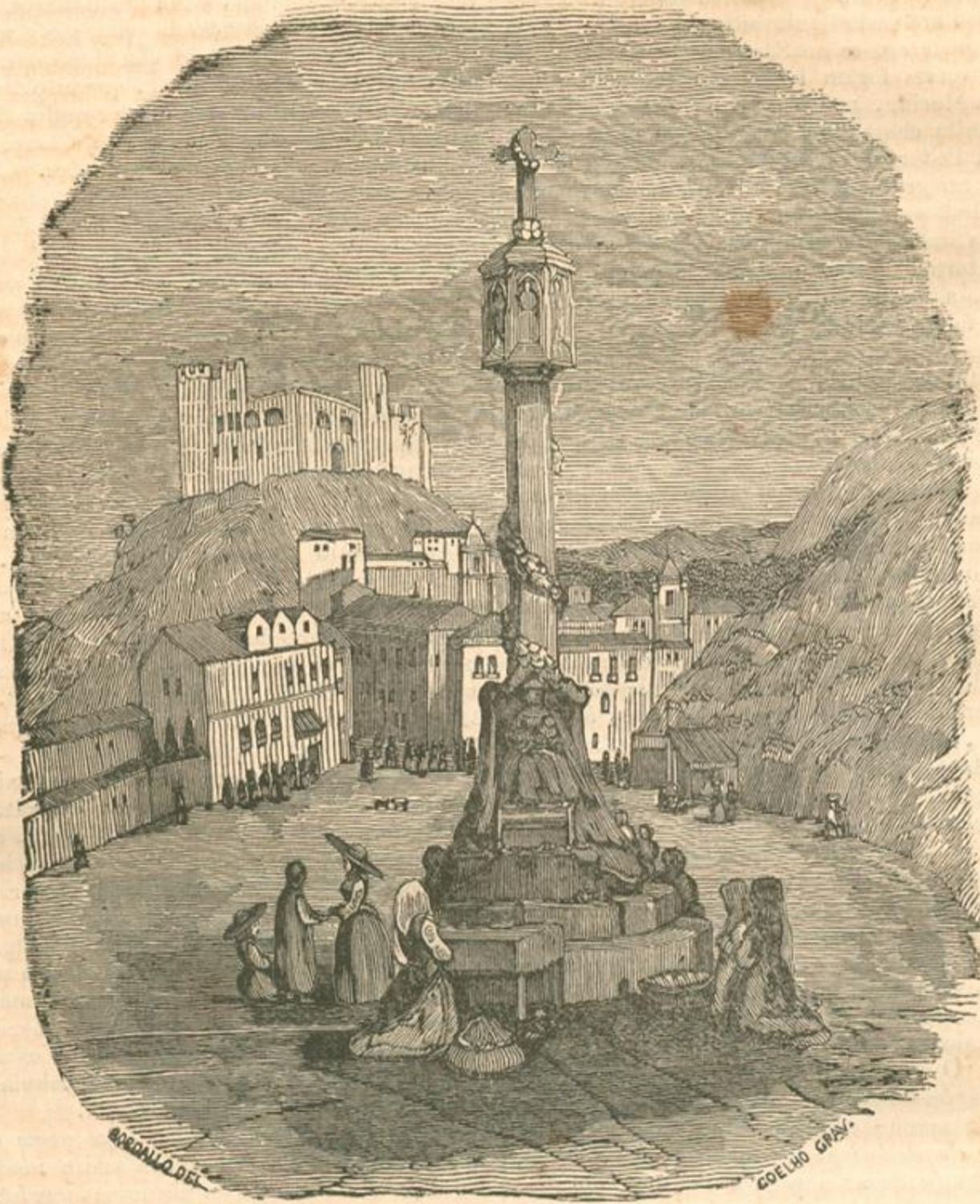
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

129)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 19, 1839)



VILLA DE PORTO DE MOZ.

N'UMA encosta occidental da serra de Minde, districto e bispado de Leiria, em posição aprasivel, está assentada a villa de Porto de Moz. A serra prolonga-se de Norte a Sul, e da banda meridional nasce um rio pequeno, que segue para o N. pela parte occidental da villa: Fr. Bernardo de Brito a confundiu com a de Albardos, montanha ingreme e de clima destemperado, lançada desde o termo de Santarem até Porto de Moz.

A primitiva fundação da villa, que dista tres leguas de Leiria, e uma da Batalha para o S., originou-se d'uma fortaleza que foi dos mouros, conquistada por elrei D. Affonso Henriques, pelos annos de 1148; as guerras posteriores a destruíram, porém elrei D. Sancho 1.^o, em 1200, a reedificou.

VOL. III.

Esta fortaleza, que pela sua situação é um castello, chama a attenção dos estrangeiros que visitam a Batalha, e que para a verem torcem caminho. Foi seu primeiro governador, e talvez o donatario da villa, D. Fuas Roupinho, a quem o P.^o Carvalho chama o primeiro almirante deste reino, celebre na tradição pelo descobrimento da imagem de N. S.^a da Nazareth, venerada ainda hoje com dispendiosas romagens e festas: este esforçado cavalleiro guerreou os mouros com prosperos successos, e tomou captivo um rei delles, possuidor de terras na Estremadura, e o levou a Coimbra onde então D. Affonso Henriques residia.

Porto de Moz teve seus alcaides-móres, e foram seus senhores os duques de Bragança: gosava de vo-

to nas antigas cortes com assento no banco 17.^o O seu primeiro foral achá-se no R. Archivo no L.^o 3.^o de D. Diniz fol. 45; e o novo, datado de Lisboa aos 13 de Fevereiro de 1515, no livro de foraes novos da Estremadura, a folhas 161 y. Na villa ha casa de misericordia, e tres igrejas parochiaes; S. Pedro e S. João Baptista, cujos beneficios eram apresentados pela Serenissima Casa de Bragança; e N. S.^a dos Murtinhos, que foi commenda da Ordem de Christo. Neste ultimo templo se veneram em sacrario particular varias reliquias de sanctos, cuja enumeração póde ver-se no Sanctuario Mariano, tomo 3.^o, ás quaes foram trazidas a Portugal d'um convento de Merida, pouco mais ou menos em 714, por um eremita chamado Romano, que veio, segundo dizem, á Pederneira, tendo acompanhado na fuga o ultimo rei godo, o infeliz D. Rodrigo, quando os arabes, desbaratando-o em batalha campal, consummaram a invasão da Hespanha. Entre as muitas ermidas do termo merece unicamente menção, pela sua origem, a de S. Jorge da Charneca, que foi erecta pelo famoso condestavel, D. Nuno Alvares Pereira.

O convento de agostinhos descalços extra-muros foi fundado por um dos successores de Gregorio Malho de Vivar, ou Bivar, que tinha nesta villa instituido um morgado, com obrigação de conservarem os seus descendentes o apellido de Bivar em memoria do afamado Cid Campeador, Ruy Dias de Bivar, de quem descendia.

O concelho de Porto de Moz comprehende actualmente oito freguezias, além das tres da villa; estas com 713 fogos e tres mil visinhos, e todo o concelho com 2:156 fogos e 8:039 visinhos, notando-se que só a freguezia de N. S.^a d'Assumpção de Minde, onde se fabricam muitos pannos de laã grosseiros, á feição de *meirinho*, tem metade da população da villa; muitos habitantes desta freguezia saem, na estação propria, a ganharem sua vida *crestando colmeas*, e negociando com os productos dellas; são tidos em conta de muito espertos, e conhecidos nesta provincia pelo nome de *mindricos*.

O termo é fertil e abundante em caça; e nelle se encontra uma raridade natural, que lemos n'um pequeno volume de apontamentos para uma descripção de Portugal, impressos no ultimo quartel do seculo passado, e que não queremos omitir por lhe acharmos certa analogia com o celebrado lago de Zirknitz, na Carniola. O campo do logar de Mira [chamado por muitos lagôa de Minde] é cheio de vinhas e arvoredos; *nesta mesma situação e monte fronteiro ao Sul, visinho daquelle logar, na invernossa estação, a larga garganta de uma grande concavidade com declive para o centro vomita abundancia de aguas, por tempo incerto, até cubrir vinhas e arvores, e formar um lago que cria cirozes grandes, e no gosto delicados.* Só é conhecido um escoante destas aguas, que no principio dos calores se evaporam e desapparecem. Cultivam-se logo as vinhas, e em pouco tempo criam-se as uvas tão perfectas como as das terras contiguas, sendo o vinho ainda de superior qualidade.

Os marmores de Porto de Moz sempre, como os de Estremoz, alcançaram reputação; e já delles fizemos menção em o n.^o 40 do nosso jornal. O viajante Link diz [tom. 1.^o cap. 25] que viu em Alcobaga alguns vasos de *soberbo marmore preto* de Porto de Moz, com ornatos feitos do primeiro ouro que veio do Brasil.

Esta villa, que teve Juiz de Fóra, e pertenceu á comarca de Ourem, está hoje encorporada no districto administrativo de Leiria,

BREVES REFLEXÕES SOBRE OS QUATRO CAPITULOS INEDITOS DA CHRONICA DE ELREI D. AFFONSO HENRIQUES POR DUARTE GALVÃO, PUBLICADOS NA REVISTA LITTERARIA N.^o 15.

Os factos, que Duarte Galvão refere nestes quatro capitulos, são tão estranhos, tão inverosimeis, e tão absurdos, que logo á primeira leitura, sem grande esforço de reflexão, excitam no animo de quem lê vehementes suspeitas da sua falsidade. A historia parece desmentilos em grande parte; e a apologia que delles faz, ou a explicação que lhes quer dar o chronista he tão pouco judiciosa, que não basta a justificalos, nem a desvanecer os escrúpulos da boa e saã critica. Isto foi o que nos moveo a lançar por escripto as seguintes brevissimas reflexões.

1.^a reflexão.

Diz a chronica no cap. XXI., que *estando elRei D. Affonso Henriques em Coimbra, sua mãi se mandára queixar ao Papa da prisão, em que seu filho a tinha, tantos tempos havia.*

Nós temos por fabulosa a prisão da Rainha D. Tereza no castello de Lanhoso por ordem de seu filho:

1.^o porque este facto é de tal natureza, que se não deve acreditar sem gravissimos fundamentos.

2.^o porque nenhum escriptor contemporaneo, ou dos tempos proximos faz delle menção, nem ha hum só monumento historico, que o autorize.

3.^o porque he desmentido pelo antigo *Livro dos testamentos* de Santa Cruz de Coimbra, aonde se refere, que a Rainha com o seu Conde D. Fernando foram expulsos do reino depois da batalha de S. Mamede (*Hist. Eccl. Lusit. Sec. 12. cap. 8. §. 2. pag. 233. Dissert. Chronol. e Crit. tom. 3. part. 1. pag. 101. num. 302.*)

4.^o porque esta expulsão se torna mais verosimil por vermos a Rainha D. Tereza exercitando huma *Tenencia* na terra de Lima, em Galliza, com o Conde Fernando, o que se não pode entender senão de hum governo subalterno, concedido por D. Affonso VII a sua tia a Rainha, e consequentemente posterior á desgraça desta Senhora em Portugal. Veja-se a *Espan. Sagr.* tom. 17. da 2.^a edição pag. 82., e o que a este respeito dizemos nas *Memor. histor. e chronol. do governo da Rainha D. Tereza*, aonde tambem expomos a nossa conjectura sobre o facto, que provavelmente deo occasião á fabula da prisão da Rainha no castello de Lanhoso.

Dado porém que a Rainha fosse preza em Lanhoso por ordem do filho, ainda assim nos faria alguma duvida a clausula da chronica *«prisão, em que seu filho a tinha, tantos tempos havia.»*

Esta clausula suppõe huma prisão de *largo tempo*: e comtudo he certo, que a batalha de S. Mamede foi dada a 24 de Junho de 1128, e que a Rainha falleceo em Novembro de 1130, dous annos e meio depois da batalha. Consequentemente a Rainha poderia ter hum anno, ou anno e meio de prisão, quando se suppõe haver mandado as suas queixas para Roma; prazo, que sendo mui largo para quem está prezo, não o era tanto, para se dizer ao Papa que a prisão durava *tantos tempos havia*: sendo por outra parte inverosimil, que a Rainha sómente recorresse a Roma depois de *tantos tempos* de reclusão.

Os nossos escriptores suppõem que a Rainha logo se mandára queixar a elRei de Leão, e ao Papa, e attribuem a esta queixa o *cerco de Guimarães* de 1129, que segundo o nosso conceito teve differente motivo. A missão do Papa [se fosse verdadeira] dervia ser no mesmo anno, isto he, no anno seguin-

te á prisão, e em nenhum dos casos se podia dizer que a Rainha estava preza *tantos tempos havia*.

2.^a reflexão.

Diz a chronica que o *Papa mandára a Portugal sobre a queixa da Rainha o Bispo de Coimbra, que então lá estava em Roma*.

Esta clausula desbarata completamente toda a armação da fabula; porque suppõe hum facto contrariado pela historia.

Que Bispo de Coimbra, anonymo, he este que *então lá estava em Roma?*

O Bispo de Coimbra D. Gonçalo regeo aquella igreja cathedral des de o an. de 1109 até o de 1127, em que falleceo, estando ainda senhora do governo a Rainha D. Tereza.

Por morte d'elle, dizem as memorias coévas, citadas na *Hist. Eccl. Lusit.*, que o clero e o povo desejavam para seu successor o Arcebispo Tello; que nisto mesmo eram empenhados a Rainha, e o Conde D. Fernando; e que com effeito nelle recahiria a eleição, se nesse mesmo tempo, *expulsos do reino a Rainha com o seu Conde*, não tomasse o Infante posse do Governo: que o Infante porém procurára que fosse eleito Bispo de Coimbra D. Bernardo, monge beneditino do mosteiro de *Moissac*, que vierá para Hespanha com o Arcebispo de Toledo D. Bernardo, e tinha sido Arcebispo do Santo Arcebispo de Braga D. Giraldo, cuja vida elegantemente escreveo.

Foi pois D. Bernardo o successor immediato de D. Gonçalo, elevado á Sé de Coimbra por intervenção do Infante, já senhor do reino. Os factos e documentos contemporaneos e authenticos mostram que a sua eleição fôra feita logo depois da batalha de S. Mamede, e pode ser que no Julho ou Agosto do proximo anno de 1123.

Em toda a historia deste Bispo, que temos assás circumstanciada, em documentos coévos, não há hum só indicio de que elle fosse a Roma, nem logo ao principio, nem em todo o decurso do seu pontificado.

Não he verosimil que o Infante, tendo-se empenhado em que elle fosse eleito Bispo, provavelmente com o intuito de ganhar huma influencia favoravel do poder ecclesiastico nas melindrosas circumstancias em que se achava, consentisse na sua hida a Roma, da qual alias se não aponta, nem objecto, nem necessidade.

Tambem não parece verosimil, que o Papa mandasse *grandes mandados, e ameaças* a elRei pelo Bispo de Coimbra [se lá estivesse] que era feitura deste Principe, e consequentemente pouco proprio para lhe trazer tão desagradavel embaixada.

Todos os numerosos documentos, que se guardam nos arquivos da mitra, e cabido de Coimbra, relativos ao pontificado de D. Bernardo, mostram que elle estava em Portugal e no seu Bispado a 24 de Abril e a 20 de Dezembro de 1129, isto he, por todo o anno e meio posterior á sua eleição, e á supposta prisão da Rainha, e que continuára a reger a sua igreja em 1132, 1134, 1135, 1137, 1138 e 1144, em fim por 17 annos continuos, até o de 1145, em que falleceo.

Quem foi pois o *Bispo de Coimbra* [tornamos a perguntar] *que estava lá em Roma*, quando a Rainha se queixou ao Papa? Quem foi esse Bispo anonymo, que veio a Portugal com a terrivel embaixada? que fugio, deixando *excommungada toda a terra?* e que foi expulso da sua igreja por elRei, que logo lhe substituiu hum *clerigo negro?*

Mais: donde veio este *clerigo negro* para Portugal no sec. 12? quem lhe conferio as sagradas ordens? *clerigo tão bom*, e *tão sabedor dos officios da igreja*,

que não havia *dous em toda a Hespanha, nem melhores, nem mais sabedores* que elle? e que com tudo não sabia dizer a Missa *como Bispo?* Que foi feito deste clerigo, e Bispo negro? aonde foi parar?

Faz pejo, na verdade, refutar fabulas tão insensatas, e tão mal tecidas; nem nós gastaríamos nisso o nosso tempo, se não receassemos a impressão que ellas podem fazer nas pessoas indoutas, ou pouco reflexivas, expondo ao mesmo tempo á irrisão dos leitores malevolos e mal intencionados o character, o governo, e a religião do grande Rei fundador da monarchia, e veneravel por tantos titulos aos olhos dos Portuguezes.

3.^a reflexão.

O cap. XXII, inedito, da chronica he cheio das mais ineptas, e quasi ridiculas reflexões e ponderações do chronista, bem improprias, por certo, da instrucção, e character sisudo, que os antigos attribuem a Galvão, e até do largo trato, que elle teve com o mundo e com os homens. Por onde, temos por mui provavel o que disse Barros, na Dec. 3. liv. 1. cap. 4. [a pag. 12. column. 2. na edição de 1628 *que Duarte Galvão composera a chronica... ou para melhor dizer apurára a linguagem antiga, em que estava escripta*] quasi insinuando, que a chronica não era obra de Galvão.

Como se pode na verdade tolerar, que o chronista, depois de nos inculcar a maxima trivial, que o *Rei nem he Rei per si, nem para si*, acrescente como consequencia, ou explicação della, que *para obrar, e se salvar, outro ha de ser o caminho do Rei, outro o do frade?* Nós entendemos que o Rei e o frade, se quizerem salvar-se e obrar bem, devem seguir hum só identico caminho, que he, observar os mandamentos, guardar justiça inteira e igual, respeitar e fazer respeitar as leis, satisfazer as proprias obrigações, &c. Isto manda o Evangelho, isto ensina o catecismo, isto dicta a razão natural. São, por certo, mui diversas as obrigações do Rei e do frade; mas o caminho de salvação he para ambos o mesmo: he cumprir essas obrigações exacta e fielmente.

Que Deos inclina o coração dos Reis para onde lhe apraz, he cousa indubitavel: mas tirar d'ahi a consequencia, que *nenhum Rei catholico e virtuoso faria cousa nenhuma ruim fóra da vontade e querer de Deos*, he hum absurdo intoleravel, he hum erro perigoso, que nos levaria a justificar todas as acções iniquas dos Principes.

A outra consideração, que ahi traz a chronica, nos parece por extremo ridicula. Embora quisesse Deos *constituir Portugal reino para muito misterio do seu serviço*. Concluir porém deste principio que *as gentes tintas das Ethiopias e India*, eram já no sec. 12. *figuradas em hum negro, feito Bispo de Coimbra*, he cousa tão fóra de todo o bom senso, quanto alhéa dos caminhos ordinarios da Providencia.

4.^a reflexão.

A vinda do Cardeal a Coimbra he hum segundo acto da comédia que se nos quiz representar, tão absurdo e tão cheio de inverosimilhanças, como o precedente.

«O Santo Padre [diz a chronica] e toda a sua corte teve, que elRei de Portugal era herege, e mandava-lhe hum Cardeal, que lhe ensinasse a fé.»

Achamos notavel, que o chronista, em toda esta historia, nos não diga o nome de nenhuma das pessoas, que nella figuraram, senão o de *D. Martim Çolleima, Bispo negro*. Os nomes do Papa, do Cardeal, do Bispo de Coimbra expulso, ou não chega-

ram á sua noticia, ou elle não julgou necessario, que chegassem á nossa.

Tambem nos parece notavel, que em Roma houvesse tamanha ignorancia da fé, e da religião do Principe Portuguez, que o tivessem por *herege*, e lhe mandassem hum Cardeal que lhe ensinasse a fé. No tempo, de que se trata, era Papa Honorio 2.^o que teve frequentissima communicação com as igrejas de Portugal, e a ellas mandou seus legados. Immediatamente antes d'elle tinha occupado a Sé Romana Callisto 2.^o, tio da Rainha D. Tereza e consequentemente do Infante seu filho. N'aquelles tempos havia amindada correspondencia entre Portugal e Roma, como he constante da historia. Como he pois crível que o Papa e a sua cõrte tivessem o Principe por *hereje*, e tão *hereje* que fosse necessario hum Cardeal para o converter, e doutrinar?

« O Cardeal veio pelas cõrtes dos Reis de Hespanha, que sahiam a recebelo mui honradamente, e procuravam beijar-lhe a mão. » Nós queríamos saber que cõrtes foram estas, por onde o Cardeal veio passando tão repousado, tão acatado, e tão honrado; e que Reis foram os que com tão delicada, e desusada civilidade *sahiam a recebelo, e a beijar-lhe a mão.*

ElRei recebeo mui bem o Cardeal, e logo lhe perguntou que riquezas lhe trazia de Roma? Inclinaria acaso Deos o coração de elRei para cubiçar as riquezas de Roma, ou seria isto figura das riquezas que de Africa e Asia haviam de vir a Portugal?

ElRei faz a sua profissão de fé christã; manda agasalhar o Cardeal; despede-se d'elle em boa paz; e diz-lhe que de manhaã falarão, se Deos quiser. Mas o Cardeal não se fia nisto; *manda pensar as bestas*; chama os clérigos da cidade á meia noute; excommunga, sem mais cerimonia, a cidade, o Rei, e o Reino, e fõge! Isto não necessita de commentario!

Ultimamente, por cumulo do absurdo, e do ridiculo, elRei corre irado e furioso atraz do pobre ecclesiastico fugitivo; vai quasi a cortar-lhe a cabeça; mas por boa composição rouba-lhe a prata e as cavalgadas, e não sei que mais; despe-se para mostrar ao Cardeal as cicatrizes das feridas, que em seu corpo tinha recebido na guerra dos Mouros, e nas tomadas de villas e cidades [de que não temos noticia], e por fim contenta-se com hum privilegio de Roma para nem elle, nem o Reino ser, em seus dias, excommungado!

Tal he em substancia o conteudo dos quatro capitulos ineditos, que com sobeja razão tem sido refugados, e que, a nosso parecer, não merecem figurar mais na historia de Portugal. —

B. C.

ESCRUPULOS DOS CENSORES D'ALGUM DIA.

ALGUNS dos individuos litteratos ou não litteratos, sabios ou charlatães, escolhidos pelos tribunaes para a censura previa dos livros, eram tão casmurros ou escrupulosos que embicavam com uma simples e innocente palavrinha, por mais desacompanhada que fosse de epithetos *aggravantes*, e condemnavam sem dó ao esquecimento o livro; e fortuna era se o auctor escapava de mais damnada proseripção. Neste ponto ha casos atrozes; citaremos porem alguns puramente ridiculos. — Um censor não consentiu que se imprimissem umas letrinhas para canto, que tinham por estribilho:

== Amor é fado,
Vontade o mais. ==

Encheu duas laudas de papel para reprovár a palavra = fado = como anti-christã, e ficou muito senhor de si e fresco, com cara de frade, e cantou victoria, porque o auctor das trovas não quiz attrahir a si alguma perseguição por objecto tão insignificante.

Ainda não ha muitos annos foi reprovada uma collecção de poesias, porque o censor achou tres ou quatro vezes em composições lyricas a palavra = beijo. =

O capitão Manuel de Sousa, traductor do Telemaco, foi buscar a casa do censor certa obra que tinha a licenciar, e viu com o maior pasmo que o homem, exorbitando do seu officio, lhe riscara no manuscrito a palavra = orêlhas = porque [dizia elle] *era rasteira e trivial e não quadrava com prosa harmoniosa e sublime.* Manuel de Sousa, com toda a sua pachorra, perguntou-lhe: — O' padre, que cortou S. Pedro a Malcho na occasião da prisão de Christo? . . . « Foi uma orêlha » respondeu o padre balbuciando. « Pois então [lhe tornou o capitão] como hei-de eu chamar a essa parte do corpo humano? . . . Agora me lembra . . . latinisando, lhe chamarei *auricula*, porque Persio diz, meu padre — *auriculas asini quis non habet*, quem é que não mostra umas pontinhas d'orelhas d'asno? — »



CARLOTA CORDAY.

DESCENDENTE de familia nobre, que em o numero de seus antepassados contava o grande poeta tragico, Corneille, nasceu Maria Anna Carlota Corday d'Armans, mais geralmente chamada Carlota Corday, em S. Saturnino, juncto a Seez, em Normandia, no anno de 1763. Os principios dos primeiros revolucionarios republicanos, que professou com enthusiasmo em tenra idade, exaltaram-se por occasião do predominio do partido jacobino, e queda e proseripção dos girondinos em 31 de Maio de 1793, com a presença e conversação dos principaes cabeças destes ultimos, que se refugiaram em Normandia com o intuito de sublevar o povo a seu favor. Resolveu-se então Corday a servir a causa que tomára a peito, por alguma acção extraordinaria; partiu para Paris, e tendo assistido a algumas sessões da convenção, ainda mais se exaltou ouvindo as invectivas vomitadas contra os coripheus do seu bando e

opinião politica. Esta violenta commoção de espirito a determinou a assassinar um dos principaes da facção dominante, ou para infundir terror, ou por acto de vingança, ou para exemplo do que ella reputava justiça publica; escolheu por tanto para victima Marat, o mais feroso e sanguinario dos jacobinos. Depois de duas tentativas infructuosas, obteve entrada onde Marat jazia doente, aos 25 de Julho, sob pretexto de lhe communicar importantes noticias chegadas de Caen: mais a confirmou em seu proposito a declaração, que lhe fez aquelle de que os girondinos fugidos para alli dentro em poucos dias seriam guilhotinados em París, e arrancou subitamente do punhal escondido, e o cravou no coração do detestavel republicano, que apenas soltou um gemido e expirou. Immediatamente presa e conduzida perante o *tribunal revolucionario*, confessou e justificou o acto. — «Eu matei um homem [exclamou ella levantando muito a voz] para salvar muitos mil, um scelerado, para resgatar innocentes, um monstro feroz, para restituir a paz ao meu paiz. Eu já era republicana antes da revolução, e nunca me faltou a energia. [Vide Mignet. Histoire de la Revol. tom. 2.^o cap. 8.^o]. Não obstante a sua confissão, o tribunal, affectando imparcialidade, lhe assignou defensor, e mandou seguir todas as formalidades do processo. É notavel o discurso do seu advogado: Corday nem tinha negado o acto, nem forcejado pelo attenuar, pelo contrario reconheceu que de ha muito o trazia premeditado. — «Ella tudo confessou [disse o advogado] e não procura meios alguns de justificação; esta é, cidadãos-juizes, a sua plena defeza; esta inalteravel tranquillidade d'espirito—esta total abnegação de si—estes sublimes sentimentos, que até na presença da morte não mostram indicio de remorso, não são naturaes. Compete-vos, cidadãos-juizes, fixar o peso moral desta consideração na escala da justiça.» — Corday, voltando-se então para o orador, lhe disse: — «Tocastes o verdadeiro ponto da questão; era o unico methodo de defeza, que me convinha.» Ouviu depois a sentença com absoluta serenidade, que manteve até o ultimo instante da vida. Era dotada de grande belleza, realçada pela tranquillidade do semblante, e a altivez do porte, circumstancias que, junctas á mocidade e ao vigor d'alma, inspiravam, no seu transito para o supplicio, vivissimo interesse. Foi guilhotinada aos 17 de Julho de 1793, contando apenas 25 annos.

Corday foi victima do fanatismo politico; seriam nobres as suas intenções; seria o seu designio generoso, mas posto em obra foi inutil, porque a tyrannia não procedia d'um homem só, nascia d'um partido, e da situação violenta da republica.

D. FR. JOAQUIM DE SANCTA CLARA,
ARCEBISPO D'ÉVORA.

I.

1. — D. FR. Joaquim de Sancta Clara Brandão nasceu no Porto aos 30 d'Agosto de 1740 de pais abastados dos bens do mundo. Seus primeiros estudos foram dirigidos pelo P.^o Antonio Vieira, Transtagnano [auctor do bem conhecido Dictionario inglez e portuguez], o qual lhe ensinou as linguas ingleza e franceza, e os principios da mathematica e da philosophia. Passou depois a estudar as linguas latina, grega, e hebraica, nas quaes adquiriu tão profundos conhecimentos, que lhe veio desde então uma mui singular e bem merecida fama, que o levou acima de muitos, e que foi a primeira semente das

perseguições, que pelo tempo adiante contra elle rebentaram. Preparado com estes conhecimentos tomou o habito e professou no mosteiro de Tibães da congregação benedictina. Seguiu depois os estudos theologicos da universidade de Coimbra, e recebeu o grau de bacharel formado ainda antes da reforma. Em quanto porem esta se preparava, e os estudos da universidade se achavam por essa rasão suspensos, trabalhava o P.^o Sancta Clara com prospero successo na instrucção dos monges, seus confrades. Foi elle o primeiro que lhes deu lições das linguas grega e hebraica; foi elle um dos primeiros mestres, que propagou as doutrinas da philosophia, então chamada *moderna*, e combateu publicamente no seu collegio de Coimbra as ideas recebidas da eschola peripatetica. Era esta a grande lucta litteraria daquelle epocha; e como andava entre mãos a reforma geral dos estudos, que havia de sancionar a philosophia moderna, e proscriver os antigos methodos, fizeram estrondoso echo em todo o reino as lições do P.^o Sancta Clara: e o marquez de Pombal aproveitando tão opportuna occasião de abrir caminho aos novos planos d'estudos, fez expedir uma ordem ao principal Almeida, então director geral dos estudos do reino, em Outubro de 1770, para que o P.^o Sancta Clara admittisse entre os seus ouvintes todos os estudantes seculares, que se quizessem aproveitar de suas lições. Mais de 80 estudantes concorreram das diversas provincias a ouvir as lições deste afamado mestre; e o attestado d'aproveitamento por elle passado a muitos de seus discipulos foi um titulo bastante para que, dispensados da frequencia na universidade de Coimbra, fossem admittidos a exame publico e approvados nas disciplinas do 1.^o anno dos dous cursos philosophico e mathematico, que naquelle tempo comprehendiam a philosophia racional e moral, a arithmetica e a geometria.

2. — No anno de 1772, em que se constituiu a universidade reformada, frequentou o P.^o Sancta Clara o curso do 6.^o anno theologico. Taes eram ja naquelle tempo os seus creditos que, ainda antes de haver recebido o grau de Dr., foi admittido como oppositor ás cadeiras vagas de theologia no concurso geral de 1777, no qual sem embargo das publicas, incivis, e não merecidas invectivas, que soffreu da parte de alguns dos concorrentes, conhecidamente seus emulos, que não podiam soffrer ver seu orgulho abatido por um homem menos graduado, taes provas deu de sua superior capacidade que os vogaes do mesmo concurso, alem de o honrarem com distinctas informações, o proposeram unanimemente a S. Magestade para lente substituto extraordinario das duas cadeiras exegeticas. Contra aquellas invectivas e declamações foi mandado fazer, e fez em poucas horas, uma breve apologia, a qual sendo remettida á secretaria d'estado, foi alli muito bem acceita. Não pôde a inveja por esta occasião levar avante os seus intentos, mas reservou para outra mais opportuna tirar por via da intriga a melhor desforra, que podesse. — Só no Outubro de 1778 é que o P.^o Sancta Clara pôde fazer os seus actos grandes, e receber os gráus de licenciado e de doutor; porque nos primeiros cinco annos depois da reforma da universidade estiveram suspensos por ordem do governo semelhantes actos e gráus em todas as seis faculdades academicas. — Em 1780 foi nomeado, e pouco depois confirmado, professor substituto da cadeira da lingua hebraica, vaga por fallecimento de seu 1.^o professor D. Paulo Hoddar, cujo cargo exerceu até ser em 1793 despachado lente cathedratico da faculdade de theologia, na qual por sua antiguidade chegou a ser lente de prima, e decano.

3. — Ninguem o excedeu, nem talvez o igualou no exacto cumprimento dos deveres do seu magisterio, e no methodo com que ensinou a theologia. No comprido espaço de mais de 30 annos foi incangavel no exercicio do seu emprego; suas prelecções eram dotadas de tal clareza, que sem trabalho se faziam perceber; sua linguagem era viva, energica, e salpicada de ditos agudos e sentenciosos. Escrevendo porem era o seu estylo menos fluente; e de sua propria letra vimos seis, oito, e mais borrões d'uma mesma carta, memorial &c., todos riscados, emendados, e finalmente regeitados para lhes dar uma nova fórma.

4. — Não era um theologo puro e secco. Junctava ao perfeito conhecimento de muitas linguas mortas e vivas, e ao dos mais ramos da philologia e humanidades, uma não vulgar instrucção nas sciencias mathematicas e physicas: e tal era a predilecção, que por ellas tinha desde os seus primeiros annos, que ainda depois de doutor e de mestre não só procurava adiantar nesta parte os seus conhecimentos conferindo muitas vezes com os professores respectivos, mas chegou a frequentar aulas, não lhe escapando a de anatomia; e a assistir noutes inteiras ás observações astronómicas no observatorio da universidade.

5. — Foi socio da academia real das sciencias de Lisboa desde a sua fundação, e correu successivamente as cathogorias de socio correspondente, livre, e honorario. Não temos completa noticia de seus serviços academicos; mas o abbade Corrêa da Serra no prologo, que fez preceder á *Vida do Infante D. Duarte pelo mestre André de Resende*, nos informou que esta publicação foi feita sobre um ms. existente no collegio dos benedictinos de Coimbra, *communicado á academia por um dos seus socios mais benemeritos o R.^{mo} Fr. Joaquim de Sancta Clara*. — A academia de Lovaina o admittiu tambem no numero de seus socios correspondentes: e Mr. Link nas suas *Viagens a Portugal*, fallando da universidade de Coimbra o distingue como professor de theologia, e homem espirituoso e erudito.

6. — O que porem lhe deu maior celebridade foram os seus sermões. Nunca se negou em subir ao pulpito todas as vezes que na sua congregação, ou na universidade lhe cabia por turno exercer este ministerio; e alem disso lhe eram sempre encarregados os assumptos mais graves e mais difficultosos, taes como as orações pelos anniversarios e nascimentos dos principes, e pelos grandes successos politicos da monarchia: e por alvará de 17 de Fevereiro de 1790 foi nomeado prégador regio. — Mas d'entre todos os seus discursos, o que lhe grangeou maior fama, e tambem mais fortes perseguições, foi o sermão prégado nas exequias do marquez de Pombal, a rôgo da familia deste ministro, na mesma villa de Pombal. Tal impressão fez no auditorio este discurso, que o orador se viu na necessidade de mudar de voz e estylo para mitigar os excessos do povo, prestes a romper em grandes aclamações ao illustre e proscripto defuncto. Este discurso, composto no espaço de sete horas escassas, appareceu annos depois publicado no N.^o 73 do *Investigador Portuguez*, mas tão alheio da sua primeira fórma que em nosso poder temos noticia escripta por pessoa, a quem o auctor disse muitas vezes que não era o mesmo discurso, que nas exequias tinha recitado.

7. — Á sua congregação benedictina prestou o P.^o Sancta Clara alem dos serviços já mencionados, outros não menos relevantes. É certo que de nada teria valido a reforma da universidade de Coimbra, se outra igual reforma a não acompanhasse nos es-

tudos das ordens regulares, que tanto influíam nas ideas e opiniões do mundo secular: por isso foi um dos primeiros cuidados dos homens empenhados naquella grande reforma nivelar as escholas monasticas pelas do seculo. Na congregação benedictina coube naturalmente esta tarefa ao P.^o Sancta Clara, o monge de certo o mais ázado para levar ao cabo uma empreza, para que nem todos eram sufficientes. Eleito director geral dos estudos da congregação no capitulo geral de 1786, em breve apresentou um plano d'estudos tão bem acabado, e tanto em harmonia com o progresso dos conhecimentos, que foi plenamente approved e sancionado pelo governo como lei vigente na mesma congregação. Neste plano se acham o arranjo dos estudos elementares, o ensino das disciplinas, o regulamento das obrigações monasticas, a direcção dos officios divinos, exercicios de piedade, e outros actos de religião de tal sorte dispostos, que nada se póde encontrar mais methodico e bem disposto. Porem nem a nova reforma se casava com as ideas dos afferrados ás opiniões da velha eschola, nem as attribuições do director geral dos estudos deixavam de fazer grande sombra á suprema auctoridade monastica. Causas eram estas sufficientemente fortes para levantarem contra o plano e seu auctor toda a casta de opposição. Facilmente se imagina que o P.^o Sancta Clara se achou só em campo para defender a sua obra contra todo o poder e influencia monachal; mas campeão bastante era elle para sustentar lucta tão desigual. Achou protecção no governo, e por tanto fez sempre triumphar o novo plano, sob o qual se crearam na congregação benedictina tantos homens benemeritos das letras e das sciencias que chegou a ser uma das mais florentes de Portugal.

8. — Os serviços ás letras pelo P.^o Sancta Clara não tiveram só por theatro o claustro benedictino, e a universidade de Coimbra. — Quando, extincta a *Mesa censoria*, foi creada a *Mesa da commissão geral sobre o exame e censura dos livros*, foi o P.^o Sancta Clara nomeado deputado deste tribunal no anno de 1794, em cujo emprego se conservou até á extincção da mesma *Mesa*, sendo então encarregado de tomar conta de todos os papeis, livros, e moveis do tribunal, e fazer de tudo uma exacta distribuição e rigoroso inventario: trabalho difficil e enfadonho, em que se empregou assiduamente por espaço de 8 mezes com inteira satisfação da auctoridade que lh'o encarregára. — Não ficou por muito tempo ocioso o seu prestimo, porque logo foi encarregado de apresentar uma exacta e circumstanciada relação dos professores de todas as cadeiras e escholas estabelecidas nas colonias portuguezas com a indicação do seu numero, situação, ordenados, e reflexões sobre o estado em que se achava o ensino publico, e sobre o methodo de o melhorar tanto no ramo economico, como no litterario. — Depois disto novos, mas em summo gráu honrosos trabalhos, lhe foram confiados. Extincta a *Mesa da commissão geral*, e em quanto se cuidava no arranjo do novo plano de censura, foi o P.^o Sancta Clara o unico censor em Portugal, que censurou e corrigiu no espaço de 8 mezes todos os livros e escriptos, que se imprimiram e entraram no reino. As suas censuras foram sempre attendidas na secretaria d'estado, e serviram de norma invariavel para se conceder ou negar a licença da impressão, ou da entrada dos livros. — Posto em practica o novo plano de censura, no qual tambem muito trabalhou, foi como era devido a seus merecimentos e serviços nomeado primeiro censor. — Em 1799 foi creada em Coimbra a *Real Junta da directoria geral dos estudos*, da qual sahio despachado 2.^o depu-

tado, porque quando se tractava de qualquer tribunal ou commissão litteraria, não podia esquecer o nome do P.^o Sancta Clara. Com tanta efficacia e desvello trabalhou no novo tribunal que este successivamente o encarregou de fazer um novo plano de organização para as escolas de Lisboa; de ir pessoalmente visitar estas mesmas escolas; e finalmente de exercer o cargo de seu commissario na corte e provincia da Estremadura. — Estes serviços se não são os mais brilhantes para o vulgo, são sem duvida os mais uteis ao progresso e bom andamento da publica instrucção.

9. — Logo no principio da reforma da universidade de Coimbra, e quando ainda não havia recebido o gráu de Dr., foi o P.^o Sancta Clara encarregado de traduzir em linguagem portugueza os *Elementos de analyse, e de calculo differencial e integral* de Bezout, que depois illustrou o Dr. Faria; e ainda hoje servem de texto ás lições do 2.^o anno do curso mathematico na mesma universidade. — Ao depois os aturados trabalhos, inherentes ao desempenho das funcções de seus cargos, não deixaram ao P.^o Sancta Clara tempo livre para escrever em assumptos alheios destes objectos. — Dos seus numerosos sermões apenas dous foram publicados pela imprensa; o das exequias do marquez de Pombal, e outro do Sanctissimo Coração de Jesus, prégado no anno de 1790 no novo templo desta invocação, fundado pela rainha D. Maria I. — De theologia sahiram á luz os opusculos = *Conspectus Hermeneutica Sacrae Novi Testamenti* = *Analysis Hermeneutica Historiae Harmonicae quatuor Evangeliorum* = *Analysis generalis Evangeliorum secundum Lucam et secundum Joannem* = ; todos tres destinados para uso dos estudantes theologos. — Deixou manuscriptos varios sermões, contas, memorias, pareceres, &c., pela maior parte sobre assumptos concernentes aos empregos, que serviu, ou tocantes á sua congregação. — Entre os seus papeis vimos, e se conservam na bibliotheca publica eborense algumas tentativas poeticas, as quaes mostram que era pouco favorecido das musas.

10. — Dos seus escriptos o que adquiriu maior celebridade foram as suas theses de philosophia racional e moral, que não poderam sahir á luz pela reprovação, que sobre ellas fulminou a Mesa censoria em conferencia de 29 d'Abril de 1773. Este tribunal, ao mesmo passo que se achava empenhado em firmar a reforma dos estudos, receava todavia mais a liberdade de philosophar do que temia a ressurreição da antiga escola. Notavel era a sua posição: desejava o progresso, mas um progresso, que lhe fosse possivel dirigir e dominar; e por isso não ousava soltar inteiramente as redeas ao pensamento; que de tal arte poderia então elle caminhar, que não fosse possivel sopea-lo, quando lhe parecesse opportuno. Cerceava por tanto sempre com suas censuras quanto tendia a sahir fóra da orbita que tinha delineado ao pensamento. — O P.^o Sancta Clara, moço, d'uma instrucção solida e variada, d'um espirito isempto e livre, pendia naturalmente para a liberdade philosophica, e não sujeitava o seu pensamento ao jugo da auctoridade e dos systemas. As theses philosophicas, nas quaes desenvolveu a mais fina e apurada critica, e uma abundante e profunda erudição, foram anathematisadas porque elogiavam o nosso Verney, e pelo achaque, que lhe pozeram, de pyrrhonismo na parte que defendia que as verdades mathematicas são mais evidentes do que as physicas e moraes. — Não se limitou a Mesa censoria a negar ao P.^o Sancta Clara a licença para a impressão de suas theses, e a condemnar as suas proposições; passou avante; quiz cortar o mal pela raiz, escrevendo

logo ao reitor da universidade = *que o advertisse e admoestasse para reformar e melhorar de systema, informando-se dos livros, de que usa o dicto religioso, por constar que tem algumas obras inglezas, que podem ser de mau character e que o conduzam a precipicio, e que destas, quando as haja, mandará (o reitor) fazer apprehensão, e remette-las á secretaria da Mesa, e determinadamente o livro em duodecimo DE LA PRIMAUTE' DU PAPE* = : ao que o reitor, em data de 27 de Maio de 1773, respondeu = *logo me informei dos livros, que tinha (o P.^o Sancta Clara), mandando pessoa que fosse vê-los. Não se achou o livro = DE LA PRIMAUTE' DU PAPE* =, e de livros inglezes só se acharam os que remetto a V. Ex.^a Mandei igualmente chamar o dicto religioso, e o admoestei para que se deixasse dos seus enthusiasmos, e virasse toda a sua applicação para o estudo da lingua hebraica, e das Escripturas, cujas aulas frequenta nesta universidade. Protestou que assim faria. No catalogo dos livros que tem, não vi cousa que mereça reprehensão, antes louvor, pelo cuidado que tem tido de os ajunctar em grande numero e com boa escolha. = É advirta-se que a Mesa censoria tractára dest'arte a um professor, a quem dantes o governo havia dado carta branca para ensinar livremente as suas opiniões, e cujos discipulos por um simples e gracioso attestado seu eram dispensados na universidade de Coimbra da frequencia das disciplinas, que com elle tinham aprendido. Tão inexoravel era o rigor daquelle censorio tribunal!

J. H. da Cunha Rivara.
(Concluir-se-ha).

FUNDAÇÃO DAS PRIMEIRAS COLONIAS DO RIO DA PRATA.

2.^o

QUANDO Ayolas se embrenhava pelo sertão, chegou a Buenos-Ayres o navio que fôra mandado ao Brasil; e João de Salazar, que o governava, trouxe em sua companhia os hespanhoes estabelecidos em Sancta Catharina. Assentou-se logo que era justo levar socorros ao governador da colonia, e participar-lhe a dignidade de que fôra investido: em virtude deste accôrdo João de Salazar subiu pelo rio, e chegou ao logar aonde Irala tinha de esperar o seu capitão por seis mezes, communicou-lhe as novas que levava, e voltou a Buenos-Ayres, tendo deixado algum reforço á guarnição de Assumpção.

Francisco Rodrigues Galan, que mandava interinamente na colonia, foi áquelle estabelecimento em demanda de viveres, que faltavam na capital, e alli encontrou Irala, que esperára por mais de seis mezes a volta do seu commandante, mandou-lhe, portanto, que voltasse ao seu posto até nova ordem: feita a provisão, e chegado a Buenos-Ayres, achou tres navios vindos de Hespanha, carregados de recrutas e munições: auxilio que veio muito a tempo, porque os indigenas tinham morto muitos hespanhoes no forte de Corpus-Christi; com o reforço conseguiu-se sopea-los, mas os colonos deste sitio teimaram em o abandonar, e recolheram-se a Buenos-Ayres.

Sem duvida que terão os nossos leitores curiosidade de saber o que foi feito do intrepido Ayolas no intervallo destes acontecimentos, e verão com magoa que o seu animo e resolução colheram bem triste recompensa. Internando-se pelo Chaco e pela provincia de Chiquitos até o Perú, tinha conseguido ajunctar algum metal precioso, mas de volta ao porto de Candelaria, não achando a sua frota, os paya-

guás, em cujo territorio quiz estabelecer-se, conjuraram com outra tribu india para o assassinar com todos os seus companheiros, o que de feito praticaram. Irala, portador de tão ruim noticia, esteve a pontos de correr igual fortuna quando segunda vez demandou a mesma paragem. — «Tendo desembarcado com a sua gente [conta Felix de Azara] n'uma das ilhas do rio, lhe appareceram uns cem payaguás, que de longe lhe deram a entender por acenos que estando nús e desarmados, os hespanhoes deviam tambem vir sem armas para practicar com elles. Assim se fez; mas cada indio se lançou a seu hespanhol, e no mesmo lance duzentos selvagens armados acudiram das margens para darem cabo dos europeus que lutavam com os outros. Irala, que ficára um pouco atraz, tomou o seu escudo e espada e matou doze n'um abrir d'olhos; emfim, os cem índios pereceram antes da chegada dos que sobrevinham com armas: igual sorte tiveram os que atacaram as embarcações, mas nesta refrega se perderam alguns hespanhoes.» —

Como o governo tinha ordenado que no caso de succumbir Ayolas em algum tragico incidente [como infelizmente aconteceu] se procedesse á eleição de novo governador, no mez de Agosto de 1538 conferiram os da colonia este cargo a Irala, que então se achava em Assumpção do Paraguay: mandou este buscar todos os hespanhoes de Buenos-Ayres, e passando revista geral viu que de mais de tres mil pessoas que vieram d'Hespanha apenas restavam umas seiscentas; pensou então que era tempo de se empregarem na agricultura, distribuiu terrenos, nomeou *alcaldes e regidores* para a policia da povoação, e para que os districtos proximos com mais celeridade se povoassem formou aldeas dos indios guaranis, que prestaram seu juramento de fidelidade. Era porem conhecer bem pouco estes novos alliados contar com a sua boa-fé: breve tramaram uma conspiração para assassinar os hespanhoes, e reservaram a matança para o dia da *procissão de sangue*, assim chamada, porque era uma procissão de disciplinantes. Estava tudo preparado, e os indigenas entravam com o pretexto de imitar os christãos em suas penitencias, quando uma india velha revelou o segredo a Salazar, em quinta feira sancta de 1539; este passou aviso ao governador, que mandou enforçar os principaes conjurados, e despediu os menos influentes.

Por este tempo o governo da metropole nomeou para commandante geral da conquista do paiz a um certo Alvaro Nunes Cabeça de Vaca, que a devia continuar á sua custa; o qual partiu de S. Lucar aos 2 de Novembro de 1540; perdendo dois navios nas alturas de Sancta Catharina, resolveu-se a ir por terra ao Paraguay, não obstante as fadigas que eram de esperar de tão longa viagem. Conseguiu comtudo chegar á capital a 11 de Março de 1542. Em breve se lhe offereceu occasião de reconhecer quanto era difficil viver em paz com os povos bravios que o rodeavam. Tendo os guaicurús (:) morto alguns hespanhoes e guaranis da visinhança, marchou contra elles, surprehendeu-os, e tomou grande numero de prisioneiros. Os lenguas (*), aterrados com esta victoria, fizeram propostas de paz que foram acceitas.

O novo chefe, sedento de ouro, como todos os precedentes, recebeu de mais a mais ordens do governo para procurar um caminho por onde se fosse ao Perú. Encarregou a Irala esta difficultosa empre-

za, o qual logo partiu com tres bergantins e tomou no caminho oitocentos guaranis, e assim que chegou aos 22.^o, 34' mandou estes para oeste ás ordens do seu cacique Aracaré e de tres hespanhoes, em quanto elle proseguia rio acima; mas tendo chegado ao lago Yaiba desembarcou, entrou pelo sertão uns quatro dias, e depois de colher algumas informações retrocedeu para a capital. Recebeu então ordem de prender e enforçar o cacique Aracaré, porque não continuára a sua exploração com temor dos selvagens do Chaco. O desgraçado Aracaré foi com effeito justicado; porem os seus compatriotas em pouco tempo trataram de o vingar: declararam guerra aos hespanhoes, e uma batalha sanguinolenta provou que não estavam dispostos a tolerar injustiças.

Depois da infeliz expedição Alvaro Nunes determinou ir pessoalmente explorar o caminho para o Perú: sahiu para este intento com 400 homens e 12 cavallos; e foram por terra até *Pão d'assucar* em 21.^o e 22' de latit., onde embarcaram para seguir viagem até o *Porto dos reis*: aqui deram com algumas tribus indigenas que os receberam favoravelmente: não acontecera porem o mesmo durante a viagem porque os guassarapos tinham morto seis homens do ultimo bergantim. O caudilho desta empreza, proseguindo em muitas excursões, chegou ás proximidades do Perú; e até, segundo alguns historiadores, encontrou vastas povoações, onde a civilização era muito maior que em todos os mais indigenas. Todavia Azara, que recopilou para a sua obra os materiaes de maior authenticidade, não falla desta ultima circumstancia, e quando trata do remate da expedição tambem parece que não adopta as ideas do P.^o Charlevoix relativamente ao comportamento do commandante. Poder-se-ha talvez attribuir ao mau estado de saude de Alvaro Nunes o ruim modo porque se havia com os seus companheiros em muitos casos; porem nada pôde desculpar a acção que praticou na volta para Assumpção. Os orejones nunca foram seus inimigos; e elle privou-os da liberdade, e começou de alguma fórma a extincção dessa nação, de que hoje existem mui tenues restos. Como quer que seja, os apologistas deste governador não mencionam este facto, mas todos concordam que ao chegar á capital do Paraguay, aos 18 d'Abril de 1544, achou todos os animos irritados e dispostos a hostilisa-lo: passados oito ou dez dias, 200 hespanhoes bem armados o prenderam, e ao outro dia decidiram manda-lo sob prisão para a Europa, reintegrando no governo Martinez d'Irala. Só no fim de seis mezes pôde acabar de apromptar-se o navio destinado á conducção de Alvaro Nunez. Este, ao sahir da prisão, bradou duas vezes que nomeava para governador em seu lugar a João de Salazar; o qual, como tinha sido partidario de Nunes intentou accender a guerra civil; foi porem mettido a bordo do mesmo navio em que o seu protector jazia em ferros, e quando chegou a Madrid o degradaram para Africa.

(Continuar-se-ha)

POUCAS vezes deixou de se arrepende, quem se aconselhou com a indignação, por muito justa que ella fosse. —

O Bispo, Jeronymo Osorio.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.

(:) Vide sobre os guaicurús a pag. 157 e 165 deste vol.
(*). Referimos dois singulares costumes dos lenguas a pag. 33 deste vol.